

ESCOLA SESI ANÍSIO TEIXEIRA

**IMPERATRIZ LEOPOLDINA EM SALA DE AULA:
a teledramaturgia como recurso pedagógico no Ensino de História**

Vitória da Conquista - BA

2025



Anna Clara Aurich Cangussú
Giovanna Damasceno Amaral Rocha

Dr. José Pacheco dos Santos Júnior

**IMPERATRIZ LEOPOLDINA EM SALA DE AULA:
a teledramaturgia como recurso pedagógico no Ensino de História**

Relatório apresentado à 9ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Dr. José Pacheco dos Santos
Júnior.

Vitória da Conquista - BA

2025



RESUMO

Ao longo dos séculos, perdurou-se o arquétipo de “princesa” que ainda relaciona feminino ao fútil e ignorante. Entretanto, distante dessas narrativas ficcionais, a mulher executa funções muito além do que esperar pelo príncipe encantado e calçar sapatinhos de cristal. Assumindo responsabilidades que iam além do esperado para uma mulher da realeza daquela época, a Imperatriz Maria Leopoldina (1797 – 1826) se destacou como uma estadista, demonstrando grande desenvoltura diplomática. Contudo, apesar de protagonizar um dos principais eventos da história brasileira, a Independência do Brasil (1822), Leopoldina tem sua atuação política escanteada, restringindo-a ao âmbito familiar. Estando à sombra de seu marido, construiu-se no imaginário popular um estereótipo de fragilidade, pensamento que consolidou o seu esquecimento ao longo do tempo. Diante disso, o seguinte projeto pretende investigar a ausência da Imperatriz Leopoldina nos livros didáticos de História de Ensino Fundamental da Rede Sesi de Educação e a forma pela qual a novela “Novo Mundo” — produzida e transmitida pela TV Globo em 2017 — possui potencial pedagógico. O presente trabalho propõe que a análise cinematográfica da novela possibilite reconhecer a maneira como Maria Leopoldina é apresentada, quais aspectos de sua vida são enfatizados ou omitidos, além de como estas representações podem impactar a visão histórica dos telespectadores. Nesse sentido, visa-se perceber sua potencialidade para a ressignificação das presenças e ausências de sujeitos sociais na Historiografia e no ensino de História. O trabalho foi realizado por meio da análise documental e bibliográfica, debruçando sobre o ramo de conhecimento do protagonismo político feminino no Brasil e, por meio da aplicação pedagógica e diagnóstica da novela, pela aplicação de uma atividade avaliativa, obter dados qualitativos e quantitativos sobre a eficácia da utilização de recursos audiovisuais no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Imperatriz Leopoldina, Ensino de História, Teledramaturgia.



LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Página 539 do Módulo 2, capítulo 3, Rede SESI de Educação.	10
Figura 2: Domenico Failutti. “Retrato de Dona Leopoldina de Habsburgo e seus filhos”, 1921. Óleo sobre tela, 233 x 133 cm. Acervo do Museu do Ipiranga - São Paulo, Brasil.	11
Figura 3: Georgina de Albuquerque. “Sessão do Conselho de Estado”, 1922. Óleo sobre tela, 236 x 293 cm. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.	12
Figura 4: Cena da novela “Novo Mundo”, capítulo 145, TV Globo, 2017.	22
Figura 5: Exibição da novela na turma (8ºB)	
Figura 6: Aplicação da atividade avaliativa (8ºB).	23
Figura 7 e 8: Aplicação da atividade avaliativa no grupo controle (8ºA).	23
Figura 9: Fragmento extraído de resposta de aluno do grupo experimental (8ºB).	28



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 História das Mulheres	14
1.2 Ensino de História e Audiovisual	16
2. JUSTIFICATIVA	17
3. OBJETIVOS	21
3.1 Objetivo geral	21
3.2 Objetivos específicos	21
4. METODOLOGIA	22
5. RESULTADOS OBTIDOS	26
5.1 Análise de dados	26
5.2 Interpretação de dados	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7. REFERÊNCIAS	31
8. APÊNDICES	33
APÊNDICE A - PLANO DE AULA	33
APÊNDICE B - ENTREVISTAS COM ALUNOS	35
APÊNDICE C - ENTREVISTA COM THEREZA FALCÃO	36
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39
APÊNDICE E - ATIVIDADE AVALIATIVA	41



1. INTRODUÇÃO

“Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica” (TILLY, 1994, p. 31). Da civilização grega ao atual século XXI, a dita “categoria biológica” foi utilizada para restringir o sexo feminino à reprodução e à esfera doméstica, sustentada por uma visão patriarcal que atribuiu às mulheres encargo de subordinação aos “caprichos masculinos”.

Contudo, as mulheres são uma construção social e cultural, cuja identidade e experiências são moldadas a partir do contexto histórico, social e econômico no qual estão inseridas. As mulheres configuram-se, portanto, como sujeitos sociais e agentes políticos, cuja relevância transcende a dimensão matrimonial tradicionalmente à elas atribuída. Todavia, no âmbito da narrativa histórica, sua participação permanece limitada, uma vez que essa estrutura discursiva prioriza os feitos dos homens que a escrevem.

Nesse sentido, "Ilíada", uma das obras literárias mais emblemáticas da Grécia Antiga, exemplifica de forma contundente a marginalização feminina nas narrativas históricas e culturais. O livro apresenta a figura de Helena de Tróia, que emerge como um ícone ambíguo, cujo relacionamento amoroso foi o estopim para uma guerra monumental. Entretanto, sua representação limita-se à catalisadora de conflitos ou simplesmente mediadora de interesses masculinos, destituindo-a de autonomia e complexidade psicológica.

Tal construção simbólica reflete os valores de uma sociedade que vinculava poder e heroísmo exclusivamente ao universo masculino, obscurecendo o potencial das mulheres de influenciar diretamente nos rumos da História. A imagem de Helena de Tróia não se restringe ao universo mítico grego, é, na verdade, a representação de um estigma que é perpetuado ao passar dos anos: o da mulher reduzida à aparência, à emoção e à passividade. O feminino é visto, até os dias de hoje, como elemento decorativo ou desencadeador de conflitos, mas raramente como sujeito ativo da própria história.



Ao longo dos séculos, perdurou-se esse arquétipo, e encontrou nos contos de fadas a sua versão moderna — o estereótipo de “princesa” que ainda relaciona feminino ao fútil e ignorante. Entretanto, distante dessas narrativas ficcionais, a mulher executa funções muito além do que esperar pelo príncipe encantado e calçar sapatinhos de cristal.

Desde a idade média à contemporaneidade das monarquias, na formação das civilizações europeias, o suprasumo do poder político feminino foi, tradicionalmente, gerar herdeiros, sucessores do trono. Rainhas e princesas eram tidas como incapazes de contribuir com a ascensão de suas próprias terras e ocupar espaços de peso nas dinastias, em contraponto que eram indispensáveis alicerces para continuidade da realeza ao longo dos séculos.

Fruto da Aliança Franco-Austríaca, o casamento da arquiduquesa Maria Antonieta com o rei francês Luís XVI, foi uma estratégia bélica e política das nações com o objetivo comum de conter as ambições da Prússia e Grã-Bretanha. A então futura Rainha Consorte renunciou formalmente a todos os seus direitos aos domínios Habsburgo e casou-se com o Delfim da França. Mais que esposa, Maria Antonia Josepha — como foi batizada ao nascer — foi o contrato que firmou o acordo entre os reinos; a mulher, então, como sua moeda de troca mais valiosa. Ainda na linhagem Habsburgo, sua sobrinha-neta, a Imperatriz Maria Leopoldina (1797-1826), nascida Carolina Josefa Leopoldina Fernanda Francisca de Habsburgo-Lorena, trilhou os mesmos caminhos das demais mulheres de sua árvore genealógica ao se casar com o filho do rei João VI de Portugal, Pedro I.

Assumindo responsabilidades que iam além do esperado para uma mulher da realeza daquela época, Leopoldina se destacou como uma estadista, demonstrando grande desenvoltura diplomática. Afinal, ser uma arquiduquesa austríaca exigia uma formação intelectual, com forte ênfase em ciências, política e cultura que, somada ao seu senso de dever, permitiu que ela desempenhasse um cargo fundamental na transição do Brasil para a Independência.



Leopoldina fora criada para sempre obedecer às vontades do pai e às exigências do Estado. Além disso, ela tinha incorporado o pensamento de que, ao realizar os desejos do pai e cumprir estritamente seus deveres, ela contribuiria para o bem-estar de sua nação e ao mesmo tempo seria feliz, já que sua concepção de felicidade residia no cumprimento de seus deveres para com sua família austríaca e seu futuro esposo (FELIZARDO; SILVA, 2022, p. 6).

Ela não se limitou ao papel de consorte decorativa mas atuou, de maneira perspicaz, nos bastidores políticos. Ao invés de ser apenas uma figura simbólica, Leopoldina, em muitos momentos, assumiu as rédeas do governo na ausência de D. Pedro I, tomando decisões que moldaram o futuro da nação.

Embora tenha sido uma figura indispensável para a Independência do Brasil, Leopoldina permanece à margem na memória histórica coletiva do país. Tal omissão transparece diretamente na educação básica, onde o ensino de História, muitas vezes, tende a privilegiar narrativas lineares e falocêntricas.

No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra (PERROT, 2005, p. 33), uma vez que os registros históricos foram construídos a partir de escolhas que privilegiam o espaço público, especialmente o político e o econômico, considerado o único lugar legítimo de poder e de valores reconhecidos pela sociedade, sendo estes destinados aos homens. Essa definição de papéis resultou no afastamento das mulheres de diversos ambientes, como o Parlamento, os bancos, os clubes, os cafés e até as bibliotecas públicas, que se tornaram locais predominantemente centrados no masculino.

Conquanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) proponha um ensino plural de maneira a promover a valorização da diversidade de sujeitos históricos e incentive o pensamento crítico e reflexivo, essa orientação não se concretiza plenamente, enfrentando limitações quando confrontada ao material didático adotado nas escolas. Um exemplo disso pode ser observado nos livros de História da Rede SESI de Educação, designados ao 8º ano do Ensino Fundamental, nos quais identificamos a ausência da menção da Imperatriz Leopoldina no capítulo 3 do módulo 2— capítulo



destinado ao estudo da Independência do Brasil. Em contrapartida, o material didático nomeia apenas José Bonifácio e D. Pedro I, apresentando-os como os únicos protagonistas do evento, o que evidencia a invisibilidade histórica da participação feminina nesse marco político.

Essa lacuna torna-se ainda mais significativa ao considerar as competências e habilidades previstas pela BNCC. Dentre elas, destacam-se:

(EF08HI11) — Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil [...].

(EF08HI12) — Caracterizar a organização política e social no Brasil desde a chegada da Corte portuguesa, em 1808, até 1822, e seus desdobramentos para a história política brasileira. (BRASIL, 2018, p.425).

Nesse sentido, é imprescindível refletir: até onde vão os limites da contradição escolar brasileira, que prega o reconhecimento da diversidade e do protagonismo histórico, ao mesmo tempo em que silencia a figura de Leopoldina? Essa incoerência estrutural expõe a necessidade de revisitar os currículos e materiais didáticos, garantindo que a história ensinada nas escolas represente, de fato, todos os sujeitos que a construíram.

Na seção intitulada “Para ampliar contextos” (página 539) o livro dedica espaço exclusivo a Bonifácio, com um texto biográfico que o exalta como o principal articulador da emancipação brasileira. Tal escolha editorial reforça uma narrativa tradicional e androcêntrica, que privilegia a atuação masculina em detrimento da contribuição das mulheres. Entretanto, como podemos afirmar que tal reflexão, de fato, abrange todo o contexto da Independência do Brasil? A percepção dos estudantes foi realmente ampliada, tendo em vista a exclusão seletiva dos agentes envolvidos no processo? Ou isso seria apenas a perpetuação de uma narrativa hegemônica e patriarcal?

Ao longo dos séculos, a escrita da História contribuiu para perpetuar essa invisibilidade, subestimando a participação das mulheres em momentos-chave da História. O protagonismo político feminino foi sistematicamente apagado, uma vez que



a política, historicamente, é um território dominado por homens — os mesmos que, em vasta maioria, registraram e narraram os acontecimentos, delimitando quem merecia ser lembrado.

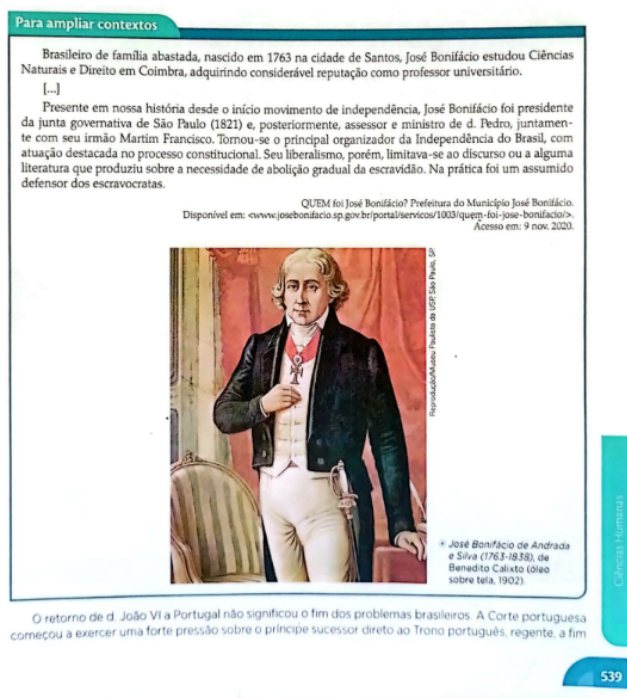


Figura 1: Página 539 do Módulo 2, capítulo 3, Rede SESI de Educação.

De tal modo, a percepção de Leopoldina para além de suas funções familiares e sociais fazem-se relativamente recentes, a obra de Domenico Failutti (1921), colocada sob esta ótica, expressa o imaginário tradicional da mulher como figura doméstica, a qual a Imperatriz esteve condicionada ao longo da História.



Figura 2: Domenico Failutti. “Retrato de Dona Leopoldina de Habsburgo e seus filhos”, 1921. Óleo sobre tela, 233 x 133 cm. Acervo do Museu do Ipiranga - USP, São Paulo, Brasil.

Em oposição ao retrato de autoria de Domenico Failutti, a obra “Sessão do Conselho de Estado” de Georgina de Albuquerque (1922) não é somente uma expressão artística, mas um testemunho visual sobre a contribuição histórica de Leopoldina para com o Brasil. A pintura ilustra a reunião do Conselho de Estado ocorrida em 2 de setembro de 1822, o dia em que ela assinou o decreto que aprovou a emancipação política do Brasil. Na tela, a Imperatriz não é representada como consorte coadjuvante de D. Pedro, a obra expande a complexidade de Leopoldina ao retratá-la como líder política, contrariando a visão tradicional da mulher como submissa ou secundária em questões de Estado.



Figura 3: Georgina de Albuquerque. “Sessão do Conselho de Estado”, 1922. Óleo sobre tela, 236 x 293 cm. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

O modo com que faz [o retrato de Maria Leopoldina] também deve ser destacado: ela não está ao centro, com uma espada, e tendo abaixo os homens (ou o povo, se quiser), tal qual aparecia nas pinturas alegóricas ou naquelas em que o herói era um homem. Essa heroína é serena (contrariando a noção da mulher como um ser sem controle sobre suas paixões); não se coloca acima dos homens (mas eles lhe rendem homenagem, ainda que estejam mais altos); não faz a guerra, mas a articula; não dá "o grito", mas o engendra, sua força é intelectual. (SIMIONI, 2002, p. 153).

De modo complementar à representação presente na obra “Sessão do Conselho de Estado”, a telenovela “Novo Mundo”, produzida e transmitida pela Rede Globo em 2017, propõe uma releitura mais justa e fidedigna do papel histórico da Imperatriz. Enquanto a pintura eterniza visualmente sua liderança e atuação política no contexto da Independência, a produção de Thereza Falcão e Alessandro Marson aborda os eventos que precedem a Independência do Brasil e desperta a curiosidade do público, oferecendo um novo olhar sobre as figuras históricas que atuaram em posições centrais nesse processo.

Ao considerar o retrato midiático da Imperatriz Maria Leopoldina na trama de ficção histórica, percebe-se que a teledramaturgia proporciona uma perspectiva de protagonismo em relação ao papel político exercido por ela durante a Independência do



Brasil. Desafiando a interpretação presente nos livros didáticos, a telenovela amplia a compreensão dos estudantes sobre a complexidade histórica e o papel das mulheres na Historiografia. Nesse contexto, surge o seguinte questionamento: De que forma a novela “Novo Mundo” contribui para a visibilidade do papel político da Imperatriz Leopoldina e preenche a lacuna representativa nos livros didáticos e no ensino de História?

Perante isso, o projeto pretende investigar a ausência da Imperatriz Maria Leopoldina no currículo escolar dos alunos do 8º ano, a partir da análise dos livros didáticos de História de Ensino Fundamental da Rede Sesi de Educação. Como também, explorar a forma pela qual a novela “Novo Mundo” oferece uma nova versão da história que foi apresentada, utilizando desse recurso audiovisual como instrumento de aprendizado e meio de reconhecimento dos seus atos como Imperatriz do Brasil.

Afinal, Leopoldina não se encontra restrita ao papel de coadjuvante do marido, nem é reduzida à imagem de esposa traída. Ela abraçou o Brasil como seu país, os brasileiros como o seu povo e a Independência como a sua causa. (REZZUTTI, 2017, p. 22).

Com o intuito de aprofundar os conhecimentos acerca da problemática, foi realizado o levantamento de referências bibliográficas que serviram de alicerce para fundamentar os estudos do tema. Estas análises bibliográficas corroboram a construção da hipótese desenvolvida ao longo do estudo, que relaciona o audiovisual aplicado ao ensino como intermediário no processo de reconfiguração da percepção histórica referente às figuras normalmente esquecidas pela historiografia.

1.1 História das Mulheres

A História subdividida entre História das Mulheres sugere a concepção de que existe uma história sem a presença feminina. Dessa forma, a historiografia referente a mulher se vê necessária a partir do momento em que a voz masculina predomina a construção dos registros históricos, silenciando ou invisibilizando as experiências, contribuições e vivências femininas. Tais fatores refletem não apenas condutas culturais mas também estratégias de manutenção de poder, que relegam as mulheres a uma



posição de submissão e segregação. A escrita da História das Mulheres permite resgatar e valorizar o papel feminino ao longo do tempo, questionando narrativas hegemônicas e trazendo à tona histórias que foram marginalizadas.

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. (PERROT, 1995, p. 9).

Nesse sentido, de acordo com Michelle Perrot (2005), o campo político, historicamente dominado por homens, tem excluído as mulheres não apenas de sua prática, mas também de sua narrativa. A política, vista como um espaço eminentemente masculino, reforçou a ideia de que as mulheres estavam destinadas ao privado, à família e à reprodução, não tendo lugar nas decisões diplomáticas e sociais. Assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e a sua posição na sociedade. (PERROT, 2005, p. 39)

Ao se debruçar sobre o ramo de conhecimento do protagonismo político feminino no Brasil Império, sob a ótica da História das Mulheres, compreende-se os aspectos que descaracterizaram a capacidade intelectual dessas figuras ao longo da História.

Conforme Michelle Perrot, em “Mulheres ou os silêncios da história” (2005), a memória negligenciou as mulheres à papéis secundários e invisíveis. Desprovidas de complexidade, as memórias femininas são reduzidas a eventos secundários, transformando histórias profundas em narrativas superficiais, que não condizem com suas intervenções históricas. Assim, a conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa (SCOTT, 1992, p. 64), a ressignificação histórica, através de uma abordagem multifacetada e inclusiva, é essencial para o reconhecimento da História das Mulheres e para o entendimento das ações humanas ao longo do tempo. Nesse sentido, Perrot (1995, p. 20) afirma que “uma vez que as relações entre os sexos são diferentes, também difere a maneira de escrever sua história”.



1.2 Ensino de História e Audiovisual

Ademais, através de uma pesquisa referente ao campo de Metodologia de Ensino, abrangendo a esfera do Audiovisual e associando com seu uso educacional percebe-se a competência da novela como recurso didático.

Marc Ferro, em sua obra “Cinema e História” (1992), argumenta que o cinema pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica, uma vez que contribui para a formação de imaginários coletivos e permite a construção de narrativas históricas mais acessíveis e envolventes. É nesse contexto que a utilização de recursos audiovisuais aplicados ao ensino ganha destaque.

Paralelamente, o filme, conforme o sociólogo Michael Pollak (1989), tornou-se um instrumento valioso para a reconstrução da memória coletiva e, através da televisão, da memória nacional. Assim, o cinema e a televisão não só contribuem para a conservação de eventos e figuras históricas, como também influenciam a forma como essas narrativas serão interpretadas pelas futuras gerações. “Não há como negar o óbvio: o homem contemporâneo é dominado pelas imagens” (BETTONI, 2011, p.144).

Segundo Katia Maria Abud (2003), professora de Metodologia do Ensino de História da Universidade de São Paulo (USP), o audiovisual surge como uma importante ferramenta didática capaz de aproximar os alunos dos temas históricos por meio de uma linguagem mais próxima de suas vivências cotidianas.

[...] mediante os quais apresentam uma certa imagem do mundo, que devem possibilitar ao aluno que desenvolva a análise crítica do mundo no qual vive. [...] As imagens merecem estar em sala de aula porque sua leitura nunca é passiva (ABUD, 2003, p. 6).

Sendo assim, a presença de imagens e linguagens audiovisuais em sala de aula não pode ser interpretada como mero recurso ilustrativo, pelo contrário, trata-se de um instrumento que, por carregar símbolos culturais e sociais, promove um exercício crítico capaz de tensionar os silenciamentos apontados por Perrot.

Em decorrência, de acordo com Ferro, o cinema possui a capacidade de ressignificar a memória coletiva, e a partir da aplicação em sala de aula, evidencia no imaginário popular questões comumente irrelevantes ao grande público. Dessa forma, o



audiovisual permite o reconhecimento, sobretudo no contexto educacional, das manifestações de personagens negligenciados pela História tradicional.

Em síntese, tais leituras contribuem para consolidar a tese apresentada, visto que respaldam a abordagem que associa a memória à produção audiovisual. Assim, propondo uma versão que se contrapõe à relativização histórica, a qual subestima a participação feminina sob uma perspectiva androcêntrica dos registros historiográficos.

2. JUSTIFICATIVA

Nos estudos historiográficos, a vida da Imperatriz Leopoldina apresenta-se em um paradoxo, uma vez que sua imagem é construída de maneiras distintas, onde a teledramaturgia oferece um aprofundamento narrativo em contraste com a superficialidade anteriormente predominante.

A produção de Thereza Falcão e Alessandro Marson, desperta a curiosidade do público sobre a “verdadeira” história por trás dos eventos retratados e oferece um novo olhar sobre as figuras históricas que atuaram em posições centrais nesse processo. Ao considerar o retrato midiático da Imperatriz Maria Leopoldina na novela, percebe-se que a teledramaturgia proporciona uma perspectiva de protagonismo em relação ao papel político exercido por ela durante a Independência do Brasil. “Novo Mundo” retrata a Imperatriz como uma personagem intelectual e estrategista, características que são corroboradas por fontes históricas.

Aconselhando D. Pedro I e colaborando diretamente nas decisões do governo, Leopoldina assumia responsabilidades que rompiam com as normas de gênero da época. Embora sua contribuição tenha sido, por muito tempo, invisibilizada e relegada ao segundo plano, “Novo Mundo” ratifica sua importância. Essa representação não é apenas um recurso dramático da novela, mas também encontra respaldo em relatos históricos.

A escolha da novela como instrumento de ensino é justificada pelo seu poder de sensibilizar sobre os acontecimentos que marcaram a História do Brasil. Além disso, devemos considerar que atualmente os meios de comunicação tornaram-se a principal



rede cultural e educacional capaz de mudar, com maior velocidade e agilidade, as visões de mundo, valores, atitudes, hábitos e comportamentos (MADRID, 2010, p. 23).

[...] as produções de cinema estão voltadas para o mercado e um público de consumidores, assim não precisam necessariamente serem fiéis à história, nesse ponto a intervenção do professor se torna importante, já que é ele quem mediará o conteúdo, problematizando e dialogando com outras fontes, orientando os alunos para que eles entendam o que é fictício e o que é o real conteúdo a ser entendido. (SANTOS, 2009)

Sendo assim, “Novo Mundo” não foi produzida com o intuito de ser uma adaptação fiel, mas com o propósito de entreter o grande público e ganhar a atenção do telespectador. Em entrevista concedida à pesquisa no dia 27/05/2025, a roteirista Thereza Falcão destacou que a telenovela buscou “jogar luz sobre uma personagem que foi muito ignorada”, referindo-se à Imperatriz Leopoldina. Segundo Thereza, a marginalização da figura histórica da Imperatriz foi consequência de um projeto político da República, que procurou apagar da memória nacional as figuras imperiais e estrangeiras, especialmente as mulheres, afinal naquele período era inadmissível que uma mulher tivesse maior poder diplomático que seu príncipe.

Durante o processo de criação da novela, iniciado em 2015, Thereza Falcão, em conjunto com sua equipe, realizou uma extensa pesquisa documental, além de consultorias com historiadores e visitas a museus. Segundo ela, “a gente teve muito cuidado para que o nosso ficcional tivesse uma base documental”, reforçando a preocupação com a verossimilhança e o respeito às fontes históricas, de modo a garantir uma base histórica consistente para a narrativa ficcional. A roteirista ressaltou, contudo, que a proposta da obra “não era ensinar História, mas despertar o interesse pelo tema”, reconhecendo o potencial da teledramaturgia como ferramenta de conscientização histórica e social.

Ao tratar da caracterização da personagem, Thereza destaca que buscou romper com o estereótipo da “esposa traída”, amplamente difundido nas narrativas históricas e midiáticas. Conforme relatou, “a gente sempre teve essa preocupação de fazer a Leopoldina forte também — frágil quando precisava comover, mas forte quando precisava se mostrar para as pessoas”. Essa abordagem visou construir uma figura



feminina mais humana e complexa, que unisse sensibilidade e racionalidade, inteligência política e vulnerabilidade emocional. Em suas palavras, “Leopoldina tinha uma inteligência política muito grande, que o Pedro não tinha. O Pedro foi criado nas ruas. Então, ela traz isso para ele, e ele admira profundamente isso nela”, reconhecendo o papel da Imperatriz como mediadora e conselheira de D. Pedro I.

Por fim, ao ser questionada sobre o uso da novela como instrumento didático, a roteirista reconhece o potencial pedagógico do produto audiovisual, defendendo seu uso em contextos educativos como ferramenta de mediação cultural e histórica. Ainda que não seja possível exigir fidelidade total à realidade, a autora argumenta que a ficção pode contribuir para revisitar criticamente o passado, promovendo novas interpretações sobre figuras históricas femininas marginalizadas, promovendo o diálogo entre História, memória e representação. Assim, “Novo Mundo” não apenas reintroduz Leopoldina no imaginário popular, como também contribui para a reinterpretação crítica da participação feminina na formação do Brasil, despertando nos telespectadores — e especialmente nos estudantes — uma nova forma de compreender a História.

Nesse contexto, realizou-se uma pesquisa de campo na qual foram conduzidas entrevistas com os alunos a fim de compreender suas percepções iniciais sobre o processo de Independência do Brasil e, especialmente, sobre a figura da Imperatriz Maria Leopoldina. As respostas evidenciaram que, embora o ensino tradicional proporcione certa compreensão factual dos acontecimentos históricos, ele ainda se mostra limitado, apoiando-se exclusivamente no material didático. Vale ressaltar que, o conhecimento sobre Leopoldina, quando existente, revelou-se fruto de iniciativas individuais e não de práticas pedagógicas sistemáticas, o que comprova a lacuna na abordagem curricular quanto à inserção de figuras femininas na narrativa histórica.

Em uma das entrevistas, um estudante relatou reconhecer a figura de Leopoldina por ter assistido à novela “Novo Mundo”, o que evidencia o potencial das mídias culturais como instrumentos de sensibilização e formação histórica. Mesmo fora do ambiente escolar, o audiovisual mostrou-se capaz de despertar o interesse dos jovens e ampliar seu repertório sobre o papel da Imperatriz no processo de independência brasileira.



Por outro lado, a grande maioria dos entrevistados afirmou não conhecer Maria Leopoldina e associou a Independência exclusivamente à figura de Dom Pedro I. A ausência de Leopoldina no discurso escolar contribui para a manutenção de uma visão simplificada da Independência, reduzida a um ato individual e desvinculada de sua dimensão política e coletiva.

À vista disso, percebe-se que essa omissão distorce a percepção da História Nacional além de menosprezar a participação feminina. Resumir as vidas de mulheres históricas brasileiras a serem mães e esposas limita a compreensão do percurso e das atuações femininas ao longo do tempo.

Os homens enquanto transmissores tradicionais da cultura na sociedade, incluindo o registro histórico, veicularam aquilo que consideravam e julgavam importante. Na medida em que as atividades das mulheres se diferenciam consideravelmente das suas, elas foram consideradas sem significação e até indignas de menção. Por isso as mulheres permanecem à margem das principais relações do desenvolvimento histórico (HAHNER, 1981, p.14)

Nesse contexto de apagamento histórico e subvalorização do protagonismo feminino, a aprovação do Projeto de Lei nº 127/2020, de autoria do senador Jorge Kajuru, que inscreve o nome de Maria Leopoldina de Habsburgo-Lorena no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, surge como um gesto de reparação simbólica. Contudo, essa homenagem estatal contrasta com a realidade do sistema educacional brasileiro, no qual o nome da Imperatriz segue sendo sistematicamente omitido dos livros didáticos de História. Tal contradição evidencia a distância entre o reconhecimento político-institucional e a efetiva valorização pedagógica das figuras femininas na narrativa nacional. Assim, o fato de Leopoldina ocupar espaço no Panteão da Pátria, mas não nas páginas dos materiais escolares, denuncia a lentidão com que a educação brasileira incorpora perspectivas inclusivas e plurais, revelando a urgência de revisões curriculares que traduzam o discurso legal em prática formativa concreta.

Dessa forma, a análise da omissão de Leopoldina nos materiais escolares e sua posterior homenagem simbólica no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria evidencia a necessidade de integrar o reconhecimento histórico à prática educativa, garantindo que a memória de mulheres protagonistas seja efetivamente transmitida às novas gerações. Para mais, o presente projeto alinha-se diretamente ao Objetivo de Desenvolvimento



Sustentável 4 — Educação de Qualidade — da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), na medida em que busca promover um ensino de História mais inclusivo, crítico e plural. Esse objetivo faz-se relevante ao considerarmos que essa lacuna no ensino formal contribui para a reprodução de estereótipos de gênero e para a perpetuação de narrativas históricas incompletas. Ao inserir figuras como Maria Leopoldina na análise curricular e em materiais educativos, é possível ampliar a compreensão dos estudantes sobre os múltiplos sujeitos sociais que atuaram na formação do Brasil, em consonância com as diretrizes da BNCC e com os princípios de inclusão e pluralidade preconizados pela Agenda 2030.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Compreender, através da utilização pedagógica da telenovela “Novo Mundo”, a potencialidade desse recurso audiovisual para sanar lacunas em materiais didáticos e enriquecer a aprendizagem de História no Ensino Fundamental II no que tange à participação da Imperatriz Maria Leopoldina no processo de Independência do Brasil em 1822. Ademais, o estudo tem como objetivo analisar a efetividade positiva da novela como recurso didático, indicando que sua inserção no currículo escolar pode aprimorar o ensino de História, promovendo uma reflexão crítica sobre as representações femininas na historiografia.

3.2 Objetivos específicos

As etapas do projeto se expressaram pelos seguintes pontos:

- a) analisar a potencialidade dos recursos audiovisuais no ensino de História, com foco em sua aplicabilidade em sala de aula;
- b) elaborar, em parceria com o professor responsável, um plano de aula sobre a Independência do Brasil;



- c) realizar a aplicação da novela “Novo Mundo” em turmas do 8º ano;
- d) comparar e interpretar as respostas da atividade avaliativa, identificando diferenças na compreensão dos fatos históricos entre as turmas;
- e) produzir um Manual de Boas Práticas, fundamentado nos resultados do experimento, para servir como material de apoio ao ensino de História para além dos métodos tradicionais.

4. METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada neste trabalho busca fundamentar a condução de uma investigação com base na análise documental e bibliográfica sobre a vida de Maria Leopoldina em território brasileiro, sobretudo a partir da leitura das cartas escritas pela Imperatriz e biografias que retratam sua trajetória enquanto “Princesa do Brasil”.

A fim de analisar a potencialidade dos recursos audiovisuais no ensino de História enquanto ferramenta didática, foi realizada a análise fílmica da telenovela observando sob qual perspectiva a figura de Leopoldina é posta e a maneira que sua contribuição à esfera política é interpretada e apresentada ao público. Para isso, foram selecionados quatorze capítulos que destacam a Imperatriz como importante agente política e social no enredo televisivo, a fim de identificar as representações e discursos da personagem, abrangendo desde sua primeira aparição, onde dialoga sobre o dever matrimonial (cap. 1), até momentos decisivos de sua atuação política.

Entre os episódios analisados, destacam-se: a chegada de Leopoldina ao Brasil (cap. 6), seu casamento (cap. 8), as tensões conjugais com D. Pedro (caps. 33 e 38), seu papel como conselheira política (caps. 45 e 55), e sua liderança no Conselho de Estado (cap. 81). Por fim, os capítulos 109, 110, 140 e 143 ilustram sua ascensão como figura central na Independência, culminando em sua decisão de declarar a emancipação do Brasil. Essa seleção teve por intenção observar a construção narrativa de Leopoldina



como uma mulher atuante, estratégica e consciente de seu papel histórico, rompendo com representações tradicionais que tendem a reduzi-la à esfera doméstica.



Figura 4: Cena da novela “Novo Mundo”, capítulo 145, TV Globo, 2017.

Nesse sentido, em seguida, foi feita a exibição da novela nas turmas de 8º ano da Escola SESI Anísio Teixeira. Para a investigação dos objetos de análise, foram observadas, também, as duas aulas ministradas em cada uma das turmas, com o objetivo de comparar diferentes metodologias de ensino e estabelecer parâmetros de avaliação coerentes ao conteúdo passado em sala. Nas aulas, que tinham como objetivo retomar temas centrais do processo de Independência do Brasil, foi abordado pelo professor tópicos como o reflexos do Iluminismo no contexto político brasileiro, a crise colonial, revoltas nativistas, a chegada da Família Real e as relações político-econômicas entre Brasil, Portugal e Inglaterra.

Além disso, os alunos tiveram a oportunidade de, junto ao professor, realizar uma reflexão acerca da obra “Independência ou Morte”, de Pedro Américo, a fim de estimular a leitura crítica de representações históricas e discutir o protagonismo masculino presente nessas narrativas. Em ambas as turmas, foram destacadas figuras como Dom Pedro I e José Bonifácio, além da Imperatriz Maria Leopoldina, para a discussão dos atores centrais desse processo.

Dessa forma, a aplicação do experimento em sala de aula ocorreu de modo planejado e sistemático, a fim de observar como diferentes metodologias interferem na



construção do conhecimento histórico. Após a contextualização teórica e a retomada dos principais acontecimentos que antecederam a Independência do Brasil, as turmas foram conduzidas a caminhos pedagógicos distintos, com o propósito de mensurar o impacto da utilização de recursos audiovisuais no processo de ensino-aprendizagem.

Integrando o conteúdo previsto pelo material didático, o grupo experimental recebeu uma abordagem complementar, com cenas selecionadas da telenovela “Novo Mundo”, seguidos de discussões mediadas pelo professor. Essa turma teve a oportunidade de confrontar as representações ficcionais com o conhecimento histórico.



Figura 5: Exibição da novela na turma (8ºB)



Figura 6: Aplicação da atividade avaliativa (8ºB).

A segunda turma, por outro lado, seguiu unicamente um método tradicional, sem o apoio de recursos audiovisuais, trabalhando o objeto de conhecimento por meio de aulas expositivas convencionais.



Figura 7 e 8: Aplicação da atividade avaliativa no grupo controle (8ºA).



Deve-se ressaltar que a aplicação da novela em sala de aula tem de ser mediada por professores, a fim de que os alunos consigam distinguir o que é ficcional do que é histórico, promovendo um aprendizado mais profundo e uma desconstrução dos estereótipos que perpetuam na sociedade até o tempo presente.

A atividade avaliativa, aplicada ao final do experimento, desenvolvido em conjunto com o professor responsável pelas turmas, permitiu medir de maneira qualitativa o impacto das diferentes abordagens. Os alunos foram avaliados em duas dimensões: conhecimento factual sobre o evento histórico e sua capacidade de desenvolver uma percepção crítica sobre os responsáveis envolvidos no processo de Independência.

As perguntas foram elaboradas com base nos conteúdos trabalhados em aula e nos objetivos centrais da pesquisa, buscando avaliar não apenas a memorização de fatos, mas também a interpretação de fontes históricas e representações simbólicas. Entre os temas abordados, em primeira instância, o reconhecimento dos principais personagens históricos, a análise das tensões políticas entre Brasil e Portugal, como proposto pelo material didático, a leitura e interpretação de um trecho de carta de Leopoldina no contexto da proclamação da República propriamente dita, e o exame comparativo de duas obras de arte sobre a Independência. Além disso, os estudantes refletiram sobre a influência de obras audiovisuais na construção da memória nacional e sobre a importância de incluir as mulheres como protagonistas na História do Brasil.

Seguindo esses procedimentos, foi possível obter dados qualitativos e quantitativos acerca do conhecimento prévio e posterior a avaliação apresentado pelos alunos, a partir da observação do seu engajamento com os temas abordados nas aulas, a relação pedagógica com a novela enquanto telespectador e, por fim, do desempenho das turmas no diagnóstico final da pesquisa.

5. RESULTADOS OBTIDOS

5.1 Análise de dados

QUESTÃO	OBJETIVO	8ºA	8ºB	ANÁLISE COMPARATIVA
1) Identificação dos agentes da Independência	Identificar se os alunos reconhecem a Independência como processo coletivo e não protagonizado apenas por D. Pedro I.	• 24,13% citaram apenas D. Pedro; • 20,68% mencionaram Leopoldina; • 13,79% erraram seu nome; • 10,34% citaram-na como “esposa”; • 34,48% citaram outros agentes.	• 100% citaram Maria Leopoldina e José Bonifácio; • 28% citaram D. Pedro; • 12% mencionaram o Conselho de Estado.	A turma 8ºB apresentou domínio ampliado sobre os agentes históricos, superando a centralização no herói masculino. O recurso audiovisual ampliou a compreensão do caráter coletivo da Independência.
2) Compreensão do contexto político e social da Independência	Verificar a capacidade dos alunos de relacionar as tensões políticas internas, as revoltas e a pressão das Cortes portuguesas ao desfecho do movimento emancipatório.	• 27,58% apresentaram interpretação crítica; • 31,03% fugiram do tema; • 17,24% deram respostas genéricas.	• 60% alcançaram plenamente o objetivo; • respostas concentraram-se na pressão da Coroa Portuguesa.	O 8ºB focou a articulação de suas respostas na relação conturbada do Brasil com Portugal, como fator determinante, relação essa representada nas cenas da novela.
3) Interpretação do papel político de Maria Leopoldina	Identificar se os alunos reconhecem a autoria da carta e atribuem a influência política à Maria Leopoldina.	• 41,37% não reconheceram a autora; • 13,79% citaram-na como “esposa”; • 6,89% fizeram análise crítica.	• 68% reconheceram corretamente a atuação de Leopoldina; • 32% tiveram respostas incoerentes.	A diferença mostra o impacto direto da abordagem audiovisual no reconhecimento da liderança feminina. A novela possibilitou compreender a dimensão política de Leopoldina para além do papel matrimonial.
4) Leitura das pinturas históricas	Observar se os alunos percebem a conexão entre as duas obras de arte “Independência ou Morte” de Pedro Américo, e “Sessão do Conselho de Estado” de Georgina de Albuquerque, que descrevem o mesmo momento histórico com perspectivas opostas.	• 51,72% apresentaram análise crítica; • 17,24% focaram em D. Pedro; • 6,89% mencionaram Leopoldina; • 20,68% respostas superficiais.	• 72% identificaram Leopoldina na pintura de Georgina; • 84% dos alunos atingiram a máxima da questão.	A turma 8ºB apresentou leitura mais simbólica e interpretativa das imagens, demonstrando que o contato com a telenovela ampliou a capacidade de análise visual e histórica.



QUESTÃO	OBJETIVO	8ºA	8ºB	ANÁLISE COMPARATIVA
5) Análise de representações midiáticas e construção da identidade nacional	Investigar se os alunos percebem o papel da mídia na consolidação do imaginário nacional.	• 37,93% não compreenderam a relação; • 31,03% reconheceram influência da mídia; • 10,34% reforçaram a visão de D. Pedro como “herói”.	• 16% responderam plenamente; • 32% parcialmente; • 44% não desenvolveram resposta adequada.	Ambas as turmas demonstraram dificuldades conceituais. No entanto, a 8ºB apresentou melhor compreensão do papel ideológico das representações midiáticas.
6) Reflexão crítica sobre a presença feminina na Historiografia	Analisar a percepção sobre a importância do estudo das mulheres nos eventos históricos.	• 41,37% refletiram criticamente; • 41,37% de modo superficial; • 10,34% citaram Leopoldina.	• 100% reconheceram a relevância da presença feminina; • 24% citaram Leopoldina; • apenas 1 aluno não respondeu	O 8ºB apresentou maior consciência histórica e sensibilidade de gênero, atribuindo à mulher papel determinante nos processos históricos, reflexo direto da representação da novela.

5.2 Interpretação de dados

Na primeira questão, que buscava identificar os principais agentes envolvidos no processo de Independência do Brasil, observa-se um contraste significativo entre as duas turmas. Enquanto a turma 8ºA, submetida ao método tradicional, apresentou predominância da figura de Dom Pedro I como agente central (24,13%), a turma 8ºB demonstrou maior ampliação do olhar histórico, com todos os alunos citando Maria Leopoldina e José Bonifácio como participantes ativos. O dado revela que a inserção da telenovela Novo Mundo contribuiu para romper a visão heroica individualizada da Independência, estimulando a percepção do evento como resultado de uma ação coletiva. Além disso, 12% dos alunos da 8ºB mencionaram o Conselho de Estado.

Na segunda questão, voltada à análise das tensões políticas e diplomáticas que antecederam a Independência, verificou-se que 60% dos alunos da 8ºB alcançaram plenamente o objetivo da questão, articulando a pressão das Cortes portuguesas e os



conflitos internos, ainda que com maior foco nas relações entre D. Pedro e Leopoldina, conforme representado na novela. Em contrapartida, a turma 8ºA obteve apenas 27,58% de respostas críticas, e um alto índice de evasão (31,03%), evidenciando dificuldade em compreender a complexidade do contexto pré-independência.

Na terceira questão, que avaliou o reconhecimento da autoria da carta enviada a D. Pedro, nota-se que 68% dos alunos da 8ºB compreenderam corretamente a relevância política da Imperatriz Leopoldina, reconhecendo sua atuação como regente interina e sua influência direta na decisão de romper com Portugal. Já no 8ºA, 41,37% não reconheceram a autora, e apenas 6,89% desenvolveram uma análise crítica.

Quanto à quarta questão, que envolvia a análise das pinturas “Independência ou Morte” e “Sessão do Conselho de Estado”, os resultados indicam novamente a eficácia do suporte visual. 72% dos alunos da 8ºB identificaram Maria Leopoldina na obra de Georgina de Albuquerque, reconhecendo a contraposição à narrativa masculina dominante. Em contraste, embora 51,72% da turma 8ºA tenham apresentado análise crítica, apenas 6,89% mencionaram explicitamente Leopoldina, o que sugere que a ausência de representações imagéticas em sala limita a leitura simbólica e comparativa das obras de arte como instrumentos historiográficos.

Na quinta questão, que aborda a influência da mídia na construção da identidade nacional, 32% dos alunos do 8ºB apresentaram respostas superficiais, enquanto 16% desenvolveram uma análise completa, reconhecendo a função da mídia na consolidação da imagem heroica de D. Pedro I. Apesar de a maioria ainda demonstrar dificuldades conceituais, os resultados superaram os do 8ºA, em que 37,93% não compreenderam a relação entre mídia e identidade nacional.

Por fim, a sexta questão teve como objetivo estimular e analisar o desenvolvimento de um posicionamento pessoal e crítico dos estudantes quanto à importância de reconhecer e estudar a atuação das mulheres nos grandes eventos históricos. Ambas as turmas reconheceram a importância de estudar a participação feminina na História, mas com diferentes níveis de profundidade. No 8ºB, quase todos os alunos destacaram a necessidade de valorizar as narrativas femininas e 24% citaram explicitamente Leopoldina como exemplo de mulher invisibilizada pela historiografia.



Já no 8ºA, 41,37% apresentaram reflexão crítica consistente, enquanto o mesmo percentual limitou-se a respostas superficiais. Essa diferença evidencia que o contato com a novela não apenas ampliou o reconhecimento da presença feminina na História, mas também favoreceu a formação de um pensamento mais empático e reflexivo sobre gênero e poder.

6) Na sua opinião, qual a importância de estudar a participação feminina em eventos históricos como a Independência do Brasil? Justifique sua resposta.

É muito importante, pois se as mulheres não fossem fundamentais para a história do Brasil e do mundo, elas não ganhariam créditos, as coisas seriam com homens.

Figura 9: Fragmento extraído de resposta de aluno do grupo experimental (8ºB).

Em síntese, a comparação entre as turmas demonstra que o uso da telenovela “Novo Mundo” como ferramenta pedagógica contribuiu significativamente para o desenvolvimento da análise crítica, da leitura de imagens e do reconhecimento do protagonismo feminino na História. A abordagem audiovisual mostrou-se capaz de transformar o modo como os alunos compreendem a construção das narrativas históricas, deslocando o foco do herói individual para uma visão plural e inclusiva dos sujeitos que compõem a memória nacional.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição à novela “Novo Mundo” revelou-se um recurso pedagógico eficaz para ressignificar a percepção da Imperatriz Maria Leopoldina e, consequentemente, ampliar a compreensão dos estudantes sobre o processo da Independência do Brasil. Ao apresentar uma representação mais complexa e multifacetada da personagem, a produção televisiva rompeu com a imagem tradicionalmente restrita à maternidade e à vida conjugal, conferindo-lhe protagonismo político e intelectual. A análise comparativa entre as turmas evidencia que o grupo exposto à narrativa audiovisual (8ºB) apresentou desempenho significativamente superior em relação à turma submetida ao método tradicional (8ºA), demonstrando maior domínio sobre o contexto histórico, desenvoltura na leitura de fontes iconográficas, estabelecendo relações críticas na conceituação dos heróis nacionais e promovendo debates que ultrapassam a simples memorização dos fatos.

Os resultados apontam que a inserção de recursos audiovisuais no ensino de História não apenas potencializa a aprendizagem, mas também estimula a formação de um pensamento histórico mais plural e sensível às questões de gênero. A telenovela “Novo Mundo”, ao iluminar a figura de Leopoldina como estrategista e mediadora política, promoveu o reconhecimento de uma mulher que, embora por muito tempo silenciada pela historiografia oficial, exerceu papel fundamental na emancipação brasileira. Nesse sentido, a pesquisa reafirma a relevância da representação feminina como elemento estruturante na reinterpretação da História Nacional, evidenciando o quanto a ausência dessas vozes nos livros didáticos — como observado no material da Rede SESI — perpetua desigualdades simbólicas e cognitivas.

Desse modo, o estudo evidencia a riqueza da documentação imagética enquanto mecanismo para o refinamento da consciência histórica dos estudantes e para a ressignificação do Ensino de História, comprovando que a inserção da novela “Novo Mundo” no currículo escolar amplia a compreensão sobre a Independência do Brasil e a atuação feminina nesse processo.



7. REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino.** História (São Paulo), v. 22, n. 1, p. 183-193, 2003.

BETTONI, R. **Para além do uso do cinema na educação: relato de metodologia de trabalho interdisciplinar com alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental.** Revista Trama Interdisciplinar, v. 2, n.1, p. 144-160, 2011.

BRAIT, A. L. **O retrato de D. Leopoldina de Habsburgo e seus filhos, de Domenico Failutti (1922): Metodologias de investigação de uma pintura do Museu do Ipiranga.** Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

FARIA ALVES, C. **De Princesa Leopoldina a Nair de Teffé: A construção de uma iconografia feminina por Georgina de Albuquerque.** XI Encontro de História da Arte - Da Percepção à Palavra: Luz e Cor na História da Arte, 2015.

FEITOSA, C. E. T., LIMA, S. L. A., LIMA, A. C. F., DA SILVA SOUZA, M. D., & TORCATE, J. E. **Uso do audiovisual no ensino de História: desafios e práticas.** Anais: VI – Congresso Nacional de Educação, [S.l.], out. 2019. ISSN: 2358-8829

FELIZARDO, F. C; SILVA, R. F. **Imperatriz Leopoldina: Uma análise de sua atuação política.** Revista Hydra, v. 6, n. 11, p. 307-329, 2022.

FERRO, M. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HAHNER, June. E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850- 1937.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

KAJURU, J. PL 127.
<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/140537>. 2020.

LIMA JUNIOR, C., SIMIONI, A. P. C. **Heroínas em batalha: figurações femininas em museus em tempos de centenário: Museu Paulista e Museu Histórico Nacional, 1922.** Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 7, n. ja/ju 2018, p. 31-54, 2018



MADRID, J. E. **Los medios de información colectivos y la reproducción de la memoria social.** Revista Polis México, v. 6, n. 1, p. 71-95, 2010.

NORTON, L. **A corte de Portugal no Brasil.** São Paulo: Editora Nacional, 2009.

PERROT, M. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência.** Cadernos Pagu (4), 1995, p. 9-28.

_____. **Mulheres ou os esquecimentos da História.** Bauru: EDUSC, 2005.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio.** Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REIS, J. R; OLIVEIRA, F. F. **Leopoldina de Habsburgo na novela “Novo Mundo”: memórias e representações midiaticizadas.** Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 2, sep. 2019. ISSN 2675-4169

REZZUTTI, P. D. **Leopoldina: A história não contada.** Alfragide, Portugal: Leya, 2017.

SANTOS, M. L. L. **O uso de filmes no ensino de história.** Arquivo Eletrônico. Programa de, 2010.

SCOTT, J. **História das Mulheres.** In: BURKE, P. (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-95.

SIMIONI, A. P. C. **Between conventions and discreet daring: Georgina de Albuquerque and the historical feminine painting in Brazil.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 17 n. 50, p. 143–159, 2002.



8. APÊNDICES

APÊNDICE A - PLANO DE AULA

Identificação	
Componente Curricular	História
Módulo	Módulo 2, capítulo 3
Docente	Diego Pereira Marques
Duração	1 aula (50 minutos)

Conteúdo (recorte temático)	
Eixo temático	História do Brasil - Independência (1822)
Conteúdos específicos	• Crise do sistema colonial e influência das ideias liberais; • Chegada da família real e transformações econômicas; • Revoltas nativistas e a Revolução Liberal do Porto; • Papel de D. Pedro I, José Bonifácio e Maria Leopoldina no processo de Independência; • Análise crítica da obra Independência ou Morte (Pedro Américo); • Contexto político e econômico pré-Independência; • Representações da Independência na arte e na mídia; • Invisibilidade feminina na historiografia brasileira.

Objetivo Geral	
Revisitando o conteúdo do semestre. Compreender o contexto histórico, político e social que culminou na Independência do Brasil, reconhecendo os principais agentes envolvidos no processo. Analisar criticamente os eventos e discursos do período, desenvolvendo a capacidade de relacionar diferentes fatores históricos. Refletir sobre o papel da representação feminina na narrativa da Independência, ainda que de forma introdutória. Ao final, avaliar os conhecimentos desenvolvidos.	
Objetivos específicos	
• Identificar os principais agentes políticos da Independência; • Reconhecer o protagonismo de Maria Leopoldina; • Analisar criticamente representações midiáticas e artísticas; • Desenvolver visão crítica sobre o papel da mulher na História.	
Habilidades (BNCC)	
EF08HI05	Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas.
EF08HI07	Identificar e contextualizar as especificidades dos diversos processos de independência nas Américas, seus aspectos populacionais e suas conformações territoriais



EF08HI11	Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil [...]
EF08HI12	Caracterizar a organização política e social no Brasil desde a chegada da Corte portuguesa, em 1808, até 1822 e seus desdobramentos para a história política brasileira.
Metodologia	
Turma 8ºA (controle)	Aulas expositivas com base no livro didático do módulo 2 (capítulo 3), sem o uso de recursos audiovisuais. Discussão guiada sobre os agentes históricos da Independência e análise textual.
Turma 8ºB (experimental)	Exibição de trechos selecionados da telenovela “ <i>Novo Mundo</i> ” (TV Globo, 2017), seguida de discussão mediada sobre as representações de Leopoldina, o papel das mulheres e o viés da narrativa histórica.
Atividade comum em ambas	Aplicação do questionário avaliativo composto por 6 questões abertas, voltado à análise qualitativa da aprendizagem e percepção crítica.
Recursos Didáticos	
8º A	Módulo didático de História da Rede Sesi.
8º B	Módulo didático de História da Rede Sesi, trechos selecionados da novela “ <i>Novo Mundo</i> ”
Avaliação	
Instrumento	Questionário descritivo com seis questões abertas
A avaliação foi diagnóstica e qualitativa, no material didático e nas discussões levantadas pelo professor durante a aula, na coerência das respostas às perguntas e na capacidade de relacionar os conteúdos apresentados. Também foi observada a habilidade dos estudantes em interpretar a obra analisada e identificar os sujeitos históricos, embora tenha sido notada uma limitação quanto à menção e compreensão do papel feminino no processo de Independência.	
Bibliografia Básica	
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília, 2018. GLOBO, Rede. <i>Novo Mundo</i> . Novela de Thereza Falcão e Alessandro Marson. 2017. Rede Sesi de Educação. Módulo 2, capítulo 3 .	



APÊNDICE B - ENTREVISTAS COM ALUNOS

PESQUISADOR 2: Vocês já assistiram alguma representação, algum filme ou série que mostre um pouco sobre a Independência do Brasil?

ALUNO 1: Nunca conheci nenhum, não.

ALUNO 2: Eu conheço a novela que tinha, esqueci o nome agora.

PESQUISADOR 2: Novo Mundo?

ALUNO 2: Novo Mundo, isso.

PESQUISADOR 2: Assistiu?

ALUNO 2: Já assisti, é muito bom.

PESQUISADOR 2: Vocês já tiveram contato com a figura histórica da Leopoldina?

ALUNO 1: Eu conheci pela minha escola passada, que a gente acabava tendo atividades que mostravam mulheres do passado.

ALUNO 3: Eu também conheci pela minha escola passada, só que foi porque a gente estava fazendo meio que uma peça, uma coisa parecida, e aí eu me vesti de Leopoldina.

ALUNO 2: Já tinha visto num livro de história só.

PESQUISADOR 2: Que livro de história?

ALUNO 2: Não num livro de história específico, num livro da escola mesmo.

PESQUISADOR 2 : Tá.

ALUNO 4: Eu conheci na escola e também através da novela.

PESQUISADOR 2 : Nessa escola?

ALUNO 4: Não, na outra que eu estudava.



APÊNDICE C - ENTREVISTA COM THEREZA FALCÃO

PESQUISADOR 1: Enquanto estudantes, a figura da Leopoldina não foi apresentada em sala de aula para nós de uma forma pedagógica. E a novela “Novo Mundo”, a gente conhece com muito carinho da nossa infância e, fez parte pra gente conhecer essa figura histórica tão importante na história do Brasil[Imperatriz Leopoldina], que a gente não teve contato na escola.

PESQUISADOR 2: Eu me lembro de estar no 6º ano quando “Novo Mundo” foi lançado, em 2017. Eu estudava sobre a independência na escola, mas quando chegava em casa e assistia a novela, era uma história completamente diferente. Os protagonistas da Independência eram outros do que eu aprendi em sala de aula. Então, foi uma nova percepção proporcionada pela novela.

THEREZA: Acho que com relação a Leopoldina a novela foi realmente muito importante. A gente conseguiu jogar uma luz sobre ela, que é uma personagem que foi muito ignorada. Mas isso, essa questão de ignorar a Leopoldina, que era uma austríaca, fez parte desse projeto da República. A República queria realmente apagar essas figuras europeias, “colonizadoras”, enfim, estrangeiras, mas que foram responsáveis por muitos avanços que aconteceram no país. Você tem, por exemplo, o próprio Dom João VI, que é uma figura que é muito mal vista, mas ele era um estadista bastante inteligente. Ele é o único europeu que conseguiu fugir de Napoleão. Então, essa mesma falta de reconhecimento atacou bastante a Leopoldina. Ao ponto da Domitila ser uma figura mais conhecida do que a Leopoldina. Ao ponto de uma escola de samba chamada Imperatriz Leopoldinense fazer um enredo sobre a Marquesa de Santos antes de fazer sobre a Leopoldina. Então, realmente foi uma coisa muito interessante, porque a novela entrou no ar na época dos 200 anos da vinda da Leopoldina para o Brasil.

[...]

THEREZA: A novela foi ao ar em 2017, a gente começou a trabalhar em 2015 [...] Na época a gente estudou muito, a gente teve um consultor maravilhoso. A gente visitou



muito, foi ao museu, a gente teve o máximo de encontros possíveis para descobrir mais coisas sobre a Leopoldina. E ela é uma personagem muito interessante.

THEREZA: Todas essas princesas dos Habsburgos foram criadas para casar. [...] Havia um pensamento político e territorialista também, porque a vinda da Leopoldina para o Brasil foi para abrir um braço austríaco, austro-húngaro na época aqui no Brasil. Então, elas eram preparadas para isso, elas eram preparadas para a política, e a Leopoldina tinha uma inteligência política muito grande, que o Pedro não tinha. O Pedro foi criado nas ruas. Então, ela traz isso para ele e ele admira profundamente isso nela.

PESQUISADOR 2: E essa percepção que você tem hoje sobre a Leopoldina. Antes de começar a trabalhar com a novela, você conhecia essa personagem ou descobriu mais dela no processo criativo?

THEREZA: O que eu conheci da Leopoldina é que ela foi casada com Dom Pedro, foi a primeira dama, teve aquele monte de filhos, foi uma parideira, teve nove filhos, um seguido do outro. [...] Mas o que eu conhecia dela era isso, essa mulher que com certeza sofreu bastante com esse homem, mas não se jogava luz sobre ela, não era interessante.

[...]

THEREZA: Foi também muito fácil para a República enterrar essas figuras imperiais e enterrar a Leopoldina ainda mais, ainda por ser mulher, uma princesa estrangeira, austro-húngara, e mulher. Como é que você vai admitir que essa mulher tem uma inteligência maior do que o regente com quem ela casa, do que o príncipe com quem ela casa?

PESQUISADOR 1: Durante a construção da Leopoldina enquanto personagem, você disse que contou com consultorias dos especialistas. Como essas conversas influenciaram as escolhas narrativas e a construção da Leopoldina enquanto personagem de novela mesmo?



THEREZA: [...] É uma novela histórica ficcional. A gente teve muito cuidado de que o nosso ficcional tivesse uma base, uma base documental. A gente não quer aqui ensinar história para ninguém, não é o nosso papel. Nós não temos nem essa capacidade. O que a gente tem é a capacidade de despertar a atenção para um assunto.

PESQUISADOR 1: Nessa questão de equilibrar a identidade histórica e as demandas criativas da novela, teve alguma estratégia que usou para equilibrar essas duas coisas?

THEREZA: A gente tem que equilibrar fatos históricos, datas históricas, com os acontecimentos dramáticos da novela.

PESQUISADOR 2: Como vocês fizeram para não reduzi-la à essa imagem de esposa traída?

THEREZA: Trouxemos essa inteligência dela, essa cultura dela, essa potência dela. A gente sempre teve essa preocupação de fazer a Leopoldina forte também, frágil quando a gente precisava que ela comovesse as pessoas, mas também forte quando ela precisava se mostrar para as pessoas.

PESQUISADOR 2: Queríamos saber se você acha que a novela tem um potencial pedagógico, se é capaz de ser utilizada em sala de aula para ressignificar a visão que as pessoas têm sobre a Leopoldina.

THEREZA: Super acho que é válido como ferramenta. A fidelidade total, você não tem. Essa fidelidade é impossível, porque a gente não sabe nem se o livro histórico é fiel. Além disso, a gente tem uma... Não é um glamourizar, mas você realçar alguns aspectos positivos, em vez de pensar aspectos mais negativos.



APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UMB
GRUPO DE PESQUISA EM
HISTÓRIA DO BRASIL

Título do Estudo: “Imperatriz Leopoldina em sala de aula: a teledramaturgia como recurso pedagógico no Ensino de História”

Pesquisadoras: Anna Clara Aurich Cangussú e Giovanna Damasceno Amaral Rocha

Orientador de pesquisa: Dr. José Pacheco dos Santos Júnior

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo desta pesquisa é investigar o lugar da Imperatriz Maria Leopoldina no currículo escolar dos alunos do 8º ano a partir da análise dos livros didáticos de História de Ensino Fundamental da Rede SESI de Educação e explorar a forma pela qual a novela “Novo Mundo” oferece uma nova versão da história que foi apresentada, utilizando desse recurso audiovisual como instrumento de aprendizado e ferramenta de reconfiguração do imaginário popular. A relevância deste projeto justifica-se pela necessidade de promover uma revisão crítica da metodologia tradicional convencionalmente abordada nas escolas, evidenciando a importância de Maria Leopoldina na Independência do Brasil e contribuindo para uma educação mais plural, conforme os princípios da ODS 4 e da BNCC.

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes: a participação consistirá em uma entrevista semiestruturada, realizada de forma virtual com duração média de 60 minutos. Durante a entrevista, serão abordadas questões relacionadas ao processo de criação e desenvolvimento da personagem Maria Leopoldina, bem como a representação histórica e artística presente na obra. A entrevista será gravada em áudio e vídeo, mediante consentimento, apenas para fins de registro e posterior transcrição. Não haverá necessidade de comparecimento em mais de uma ocasião, sendo esta a única etapa de participação na pesquisa.

No nosso estudo, os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação na pesquisa são mínimos, podendo envolver apenas um leve desconforto ao responder perguntas de caráter reflexivo sobre o processo criativo ou sobre aspectos pessoais relacionados à produção da obra. Além disso, há o risco remoto de quebra de sigilo das informações fornecidas. Para minimizar esses riscos, todas as respostas serão tratadas com confidencialidade, e os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos. As gravações e transcrições serão armazenadas em local seguro e acessadas apenas pelos pesquisadores responsáveis, sendo posteriormente descartadas após a conclusão da pesquisa.

Contudo, esta pesquisa também pode trazer benefícios. Os possíveis benefícios resultantes da participação na pesquisa são indiretos, uma vez que não haverá ganhos pessoais ou financeiros ao participante. Entretanto, a colaboração contribuirá significativamente para o avanço do conhecimento científico. Os resultados poderão beneficiar futuras práticas pedagógicas, promovendo uma abordagem mais inclusiva e crítica no ensino de História. Não haverá necessidade de acompanhamento posterior à pesquisa, visto que a participação consiste apenas na entrevista e na análise das informações concedidas.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa, não haverá qualquer prejuízo ou impacto em futuras colaborações acadêmicas. Sua contribuição ocorre unicamente na qualidade de colaboradora convidada, sem qualquer vínculo institucional obrigatório com a pesquisa.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos, nem serão necessárias despesas para participação da pesquisa.



Caso ocorra qualquer tipo de desconforto decorrente de sua participação na pesquisa, o(a) Sr.(a) poderá comunicar imediatamente aos pesquisadores responsáveis, que tomarão as providências cabíveis para resolver a situação. Ressalta-se que não há riscos significativos nem previsão de danos físicos, materiais ou morais, não sendo aplicável qualquer forma de indenização.

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e feiras científicas.

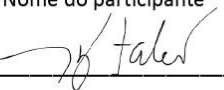
É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como é garantido ao Sr.(a), o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que o(a) Sr.(a) queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Anna Clara Aurich Cangussú, pelo telefone +55 (77) 98801-3701 e pelo e-mail anna_aurich@hotmail.com, com a pesquisadora Giovanna Damasceno Amaral Rocha, pelo telefone +55 (77) 98875-4117 e pelo e-mail gvnnad2@gmail.com

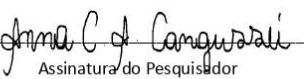
Esse Termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) e a outra para os pesquisadores.

Declaração de Consentimento

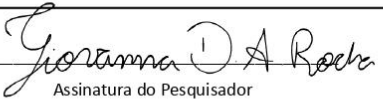
Eu, Thereza Falcão, concordo em participar do estudo intitulado: “Imperatriz Leopoldina em sala de aula: a teledramaturgia como recurso pedagógico no Ensino de História”.

Thereza Falcão Nome do participante  Assinatura do participante	Assinado digitalmente na ZapSign por Thereza Falcão Data: 16/10/2025 13:25:46.726 (UTC-0300) Data: <u>27 / 05 / 2025</u>
---	--

Eu, Anna Clara Aurich Cangussú, declaro cumprir as exigências contidas no Termo acima.

Assinado digitalmente na ZapSign por Anna Clara Aurich Cangussú Data: 15/10/2025 19:46:53.649 (UTC-0300)  Assinatura do Pesquisador	Data: <u>27/05/2025</u>
--	--------------------------------

Eu, Giovanna Damasceno Amaral Rocha, declaro cumprir as exigências contidas no Termo acima.

Assinado digitalmente na ZapSign por Giovanna Damasceno Amaral Rocha Data: 13/10/2025 19:46:33.825 (UTC-0300)  Assinatura do Pesquisador	Data: <u>27/05/2025</u>
---	--------------------------------



APÊNDICE E - ATIVIDADE AVALIATIVA

- 1) O nome do Imperador Dom Pedro I consta nas páginas do Livro de Aço, entretanto a Independência do Brasil não foi protagonizada unicamente por ele, na realidade, foi resultado de uma ação coletiva. Quais foram os principais agentes envolvidos nesse processo?
- 2) Antes da Independência, o Brasil vivia um cenário de tensão política, marcado por rebeliões e pela pressão das Cortes portuguesas para retomar o controle sobre a colônia. De que forma as revoltas internas e a situação diplomática do período conduziram o caminho para a Independência do Brasil?
- 3) Com base nos textos (sobre a correspondência de D. Pedro no dia 2 de setembro), percebe-se que o trecho extraído de uma das cartas enviadas à Dom Pedro simboliza grande influência política exercida sobre ele naquele momento decisivo, aconselhando que ele não retornasse para Lisboa. Qual foi o papel da autora da carta no processo da Independência do Brasil e de que forma suas palavras contribuíram para a decisão de Dom Pedro romper com Portugal?
- 4) As pinturas (“Independência ou Morte” e “Sessão do Conselho de Estado”) ilustram um momento significativo para a história do Brasil. Explique a relação entre as obras.
- 5) Como isso [a representação midiática da Independência do Brasil] influencia o processo de construção da identidade nacional, consolidando a imagem de Dom Pedro como herói da pátria?
- 6) Na sua opinião, qual a importância de estudar a participação feminina em eventos históricos como a Independência do Brasil? Justifique sua resposta.